



DO JORNALISMO À MÚSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA E DESENVOLVIMENTO PESSOAL CONTADO ATRAVÉS DE DIÁRIO DE PROCESSO

CAROLINE CASTANHA DE AVILA DE LEMOS¹; VITOR HUGO RODRIGUES
MANZKE²;

¹Universidade Federal de Pelotas – caroline.castanha.lemos@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – vitormanzke@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Cada vivência pelas quais passamos nos transforma e lapida de alguma maneira, somando mais uma experiência em nosso livro de bagagens e conhecimentos. Com esta frase em mente, cabe dizer que o presente trabalho busca apresentar e refletir algumas percepções por mim obtidas, enquanto aluna ingressante do curso de Licenciatura em Música da UFPel, através da inserção na metodologia de ensino proposta para a disciplina de Oficina Básica de Musicalização I, cursada no 1º semestre letivo de 2017. Tais percepções podem ser analisadas através dos registros no Diário de Processo proposto como uma das ferramentas de avaliação da disciplina, e desenvolvido individualmente.

Isto posto, cabe citar ZABALZA (2007), quando afirma que os diários fazem parte de enfoques ou linhas de pesquisa baseados em Documentos pessoais ou narrações autobiográficas”(ZABALA, 2007, p. 14). Portanto, para haver uma reflexão genuína acerca do meu desenvolvimento e evolução dentro do curso, é preciso compreender o caminho percorrido por mim até maio de 2017.

Muito há para ser contado, porém, para este momento, escolhi pontuar fatos específicos e relevantes, para fins desta análise. Inicialmente, destaco meu envolvimento com o Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG, do qual participo desde os meus 11 anos de idade, em Rio Grande, minha cidade natal, culminando minha participação com a conquista do título de 1ª Prenda do Rio Grande do Sul, na gestão 2014/2015. Outro fator importante é minha formação acadêmica, pois, antes de chegar à Licenciatura em Música, me formei Técnica em Geoprocessamento (2012), pelo IFRS, e também Bacharela em Jornalismo (2017), pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel.

Neste estudo, será inevitável trazer ao leitor as diferenças e semelhanças entre os cursos da UFPel, uma vez que ambas experiências são intrínsecas em mim, e estão refletidas em meu Diário. Enquanto na primeira graduação havia uma comunicação ampla e efetiva sobre atividades do curso, na segunda percebo que há certa dificuldade em estabelecer esta comunicação. É interessante, ainda, falar das diferenças e semelhanças de ensino em ambos os cursos: no jornalismo são valorizados os debates em sala de aula, o aprendizado teórico e o senso crítico dos alunos; igual cobrança há no curso de música, acrescido apenas da ênfase ao fazer prático musical. Outro ponto importante está no espaço aberto para conhecer e debater assuntos essenciais na sociedade atual, prioridade de ambos os cursos.

2. METODOLOGIA

Apresentada minha trajetória, pode-se então iniciar a discussão acerca da proposta metodológica que levou a realização deste trabalho. Segundo plano de ensino da disciplina de Oficina Básica de Musicalização I, seu objetivo é



“Proporcionar a vivência, a exploração do som, de elementos musicais (altura, duração, timbres, intensidades) e a CRIAÇÃO MUSICAL, visando a apreensão de conceitos musicais e a musicalização dos acadêmicos”. Em suma, a cadeira busca que os alunos tenham consciência musical através da prática, dando espaço para que, além de vivenciar a música no corpo, o grupo tenha contato com várias possibilidades didáticas de musicalização, que poderão ser compartilhadas com seus futuros alunos.

Durante as aulas, a turma foi direcionada a ter, inicialmente, a vivência musical das diferentes atividades propostas, para depois refletir e compreender o funcionamento de cada uma delas. Tal proposta é apoiada nos conceitos de Edgar Willems, que dá destaque à experimentação dos fenômenos musicais, para depois ter a consciencialização do que foi vivido (TEVES, 2012, p.53). Tais experiências, ampliaram minha visão sobre o fazer do professor, além de instigar a reflexão sobre o fazer educacional nas demais disciplinas do semestre, percebendo um pouco dessa, e outras teorias, em cada professor da graduação.

Faz-se necessário ainda, o entendimento do conceito de diário de processo, uma vez que este é o objeto de estudo nesta pesquisa. Parafraseando Holly e McLoughlin, ALVES (2004) afirma que se deve considerar o diário como:

[...] um registro de experiências pessoais e observações passadas, identificado como um documento pessoal, em que o sujeito que escreve inclui interpretações, opiniões, sentimentos e pensamentos. (ALVES, 2004, p.225).

Sendo assim, o diário de processo é visto como uma forma de apresentar gradualmente o processo de aprendizagem dos alunos, possibilitando analisar as reflexões, apontamentos e evoluções de cada indivíduo. A sua utilização como instrumento em sala de aula tem grande valia, e traz diversos benefícios, como apontam ARANDA e MOREIRA (2013, p.230), quando afirmam que o diário permite avaliar o nível de aprendizagem dos alunos, uma vez que escrevem sobre o que aprenderam. ANDRÉ e PONTIN (2010, p.15), reforçam este pensamento, e apontam tal procedimento como ferramenta de contribuição e reorganização dos conhecimentos, configurando o diário como um mecanismo de inúmeras possibilidades.

Estar inserida na metodologia exposta acima, me fez perceber e refletir diferentes maneiras de conduzir as aulas que serão futuramente ministradas por mim. Faz-se importante, então, colocar ao leitor a maneira como foram realizadas as aulas, a fim de tornar mais claro o entendimento deste relato.

A disciplina em questão foi ministrada nas segundas-feiras pela manhã, sendo ela a primeira com que tivemos contato enquanto alunos de Música. “Confesso que entrar em uma sala onde não havia cadeiras, apenas o tablado e um quadro, foi algo que me causou estranheza, devido a falta de contato anterior com este tipo de ambiente dentro do mundo acadêmico” (DIÁRIO DE PROCESSO), escrevi em meu primeiro relato no diário. Em todas as aulas nos posicionamos em roda, e em cada uma delas uma série de atividades aconteciam. Tivemos experiências com brincadeiras e canções folclóricas, aquecimento e percepção do ambiente, além de diversas discussões sobre as atividades. Também foi proposto o estudo de pedagogos musicais, além de um grande foco na pedagogia do “O Passo”. Em cada aula, era possível perceber a busca por internalizar e tornar cada vez mais consciente o fazer musical, com o foco sempre voltado para a formação de educadores musicais.

Dou destaque para o 4º encontro, quando tivemos uma breve atividade de educação somática – para relaxamento e percepção do corpo. Logo após passamos ao trabalho de marcação de compasso, que introduziu um exercício de improvisação com elementos corporais, fazendo com que cada um percebesse o funcionamento do compasso no corpo, além de pensar e calcular os movimentos possíveis de serem realizados no tempo determinado. Neste dia eu busquei dedicar mais concentração para a aula, já que esta foi minha dificuldade na semana anterior. Na 10ª aula tivemos as apresentações de trabalhos teórico-práticos sobre alguns pedagogos musicais, através dos quais aplicamos atividades com os colegas. O encerramento se deu no 14º encontro, quando os grupos fizeram apresentações artísticas, trazendo músicas e encenações para a sala de aula. Cada um destes encontros foi relatado nos diários, contendo ainda as nossas reflexões pessoais. Ao final de todas as atividades e avaliações, foi entregue o diário a ser analisado. Abaixo, apresento o meu:

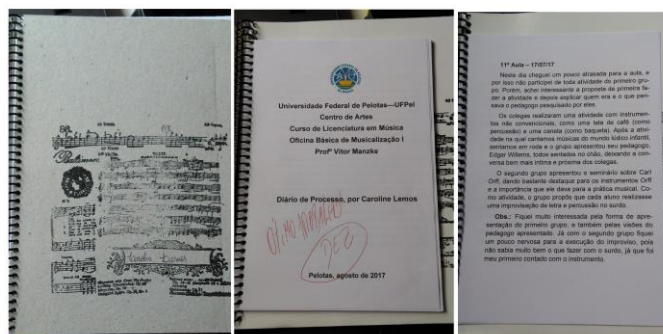


Figura 01: Diário de Processo visto por fora e por dentro (capa, contra capa e interior).
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Passar por esta disciplina gerou em mim inquietudes, dúvidas, e novas perspectivas sobre o fazer musical, e sobre mim mesma. Diferente do feito usualmente em sala de aula, o fato das atividades serem experiências, mais do que apenas estudadas, trouxe uma nova forma de ver o papel do educador musical em sala de aula, e também me pôs a refletir que tipo de professora eu serei futuramente. Passar pelas dificuldades de realização de alguns exercícios, fez com que eu percebesse que, mais do que nunca, eu estava no lugar dos meus futuros alunos, compreendendo que, caso eu não tivesse experimentado essa vivência corporal, eu jamais poderia entender as dificuldades deles. Isto também foi posto em meu diário, quando refleti que:

No início, achei bem chato ter que fazer pedacinho por pedacinho da atividade, repetindo várias vezes, pois não entendia a importância de ensinar/aprender cada etapa das tarefas. Depois da reflexão final, compreendi melhor o porquê da realização da atividade passo por passo, do quanto isto influencia no processo de ensino/aprendizagens dos alunos. (DIÁRIO DE PROCESSO).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Diário de Processo apresentado neste relato terá sua continuidade no segundo semestre letivo de 2017, durante a disciplina de Oficina Básica de Musicalização II, e para esta segunda parte, acredito que será necessário reforçar a criatividade na apresentação do trabalho.



Para este primeiro trabalho, tive grande dificuldade com as questões criativas, já que originalmente venho de um caminho acadêmico mais exato, onde a criatividade – especialmente visual – não foi tão cobrada de mim. Nesta segunda oportunidade, espero melhorar o formato de apresentação física do diário, além de melhoramento na escrita reflexiva, potencializando os pontos negativos, e positivos, da primeira entrega.

Da metodologia utilizada em sala de aula, levarei uma enorme bagagem, já que, além da experiência em si de internalizar a música, o professor lembrava-nos há todo momento de que, o objetivo final e principal do curso, é a licenciatura, que todos naquela sala serão professores de música, educadores musicais, e o fez abrindo nossos olhos para a importância da profissão professor. Sem dúvida, o aprendizado que obtive nesta disciplina foi um divisor de águas para meu fazer pedagógico musical, e o será também quanto às aulas que darei em breve.

4. CONCLUSÕES

Acredito, neste espaço, não ser possível uma “conclusão” do trabalho, e sim um espaço para apontamentos e reflexões. A experiência vivida neste semestre me fez ver com clareza aquilo que escolhi – por definitivo – como minha profissão. Cada encontro com os professores me mostrou que ser professora de música, é a união entre meu hobby e meu objetivo profissional, e que esta mistura pode sim dar certo. Encerro este relato de experiência afirmando que, em alguns anos, irei reler este diário e perceber as diferenças entre a Caroline que entrou no curso de música em 2017, e a Caroline que sairá de lá, totalmente transformada positivamente, e com uma grande parcela de evoluções. Por fim, asseguro que, com base na minha vivência de escrita de Diário de Processo, certamente irei utilizar deste meio para proporcionar e provocar reflexões e análises para meus alunos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, F.C. **Diário – Um contributo para o desenvolvimento profissional dos professores e estudo dos seus dilemas.** Millenium, Viseu, nº 29, p. 222 – 239, 2004.

ANDRÉ, M.E.D.A.; PONTIN, M.M.D. **O Diário Reflexivo, Avaliação e Investigação Didática.** Meta: Avaliação, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 13-30, jan./abr. 2010.

ARANDA, A.F.; MOREIRA, H. A. **Participação dos Alunos no Processo de Avaliação: uma experiência no Ensino Superior.** Meta: Avaliação, Rio de Janeiro, v. 5, n. 14, p. 217-237, mai./ago. 2013.

TEVES, C.M.O.; **Avaliação dos Efeitos da Aplicação de Diferentes Práticas Instrumentais nas Aulas de Educação Musical a Alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico.** 2012. Dissertação (Mestrado em Arte e Educação) – Universidade Aberta.

ZABALZA, M.A. **Diários de Aula: Um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional.** Porto Alegre: Artmed, 2007.